



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LUCAS LIRA DE MENEZES

O MOVIMENTO LGBT+ E OS EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO

**JOÃO PESSOA
2018**

LUCAS LIRA DE MENEZES

O MOVIMENTO LGBT+ E OS EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais

Orientadora: Profa. Dra. Giuliana Dias Vieira

JOÃO PESSOA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

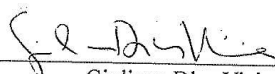
M541m Menezes, Lucas Lira de.
O movimento LGBT+ e os efeitos da fragmentação
[manuscrito] / Lucas Lira de Menezes. - 2018.
36 p.
Digitado
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Giuliana Dias Vieira , Coordenação
do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."
1. Movimento LGBT+. 2. Fragmentação. 3.
Americanização da esquerda. I. Título
21. ed. CDD 303.484

LUCAS LIRA DE MENEZES

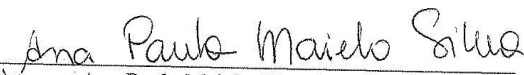
O MOVIMENTO LGBT+ E OS EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO.

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

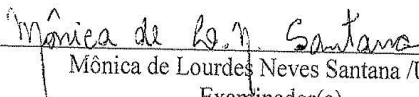
Aprovado(a) em 29 / 11 / 2018



Giuliana Dias Vieira /UEPB
Orientador(a)



Ana Paula Maielo Silva /UEPB
Examinador(a)



Mônica de Lourdes Neves Santana /UEPB
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo eu gostaria de começar agradecendo a Universidade Estadual da Paraíba e aos meus companheiros de sala, da turma 2014.2 do curso de Relações Internacionais. Só nós sabemos o que passamos e como permanecemos unidos, sem vocês talvez eu não teria chegado até aqui. Por isso quero deixar registrado o meu sincero “muito obrigado” para: Jessyca, Karina, Letícia, Luana, Marilize, Júlia, Danilo, Andrezza, Caio, Amanda, Zé, Natália Costa, Vinícius e Jakellynne. Vocês são incríveis, e eu nunca pensei que teria a sorte de participar de uma sala tão receptiva e amorosa.

Além da minha turma original, também quero agradecer a alguns agregados, que não são menos importantes: Sabrina, Ananda, Patrícia e André por terem me dado a honra de conhecer tamanho intelecto e por serem pessoas incríveis! Ainda no âmbito da UEPB, gostaria de agradecer a minha orientadora, professora Giuliana Dias Vieira, por ter aceitado esse desafio de me orientar, e de ter ministrado a aula que me inspirou a escrever esse artigo. Também quero reservar um momento para agradecer a professora Ana Paula Maielo, por ter me prestigiado com tamanha inteligência por quatro períodos, além da professora Monica Santana, por ter sido uma das primeiras professoras que eu sei que acreditou no meu potencial, além de ambas terem aceitado o meu convite para participar da minha banca examinadora.

Gostaria também de reservar um espaço para agradecer aos meus melhores amigos, e primos, como: Nataly, Maiko, Davi, Karol, Juliana, Talita, Matheus, Isaac, Ayrton, Pedro, Lucas Duarte, Andrey, Saskia, Marcílio, Ygor, Allef, Guilherme, Ana Marina, Mabel e Franklin, por terem sido fundamentalmente importantes na minha vida, sempre presentes, mesmo quando distantes. Além dos citados, não posso deixar de mencionar meu pai: Adriano, pelo apoio emocional e financeiro, meus cachorros: Duke, Spike e Maggie, por sempre alegrarem meus dias, e minhas irmãs: Rayanne e Natália Lira. Eu acho que se eu pudesse ter tido a oportunidade de escolher minhas irmãs, elas não seriam tão companheiras, e pessoas tão incríveis como vocês são. Eu amo vocês, de verdade.

Por último, meu maior agradecimento vai para a pessoa mais importante de todas, aquela que eu nem teria nascido se não fosse por ela, e quem eu amo mais que tudo nesse mundo, minha mãe: Ana Paula. Mãe, você é meu maior orgulho, e eu sempre vou tentar fazer com que você se orgulhe cada vez mais de mim. Eu sou grato por todos os sacrifícios que a senhora fez, e um dia pretendo retribuir tudo isso. Te amo demais, e esse meu amor nunca vai mudar!

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 07 |
| 2 | ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO LGBT+ | 09 |
| 3 | A FRAGMENTAÇÃO LGBT+ | 13 |
| 3.1 | “L” | 15 |
| 3.2 | “G” | 16 |
| 3.2 | “B” | 17 |
| 3.3 | “T” | 20 |
| 3.4 | “+” | 23 |
| 4 | A ESQUERDA E SUA AMERICANIZAÇÃO | 25 |
| 4.1 | <i>Pink Money</i> | 27 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| | REFERÊNCIAS | 32 |

O MOVIMENTO LGBT+ E OS EFEITOS DA FRAGMENTAÇÃO

Lucas Lira de Menezes¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a fragmentação do movimento social LGBT+ e seus efeitos, proporcionada pela hegemonia norte-americana no cenário internacional, empregando uma ótica das Relações Internacionais. Assim, visando responder a problemática: “Como o movimento LGBT+, originário da esquerda, enfraquece seus ideais, contribuindo com o fortalecimento do capitalismo?”, o trabalho divide-se em três partes, objetivando: explicar o contexto histórico do movimento *gay*, desde a sua origem até conquistas recentes, buscando elucidar como a hegemonia ianque auxiliou na fragmentação desse movimento, através da propagação dos seus ideais; abordar as principais causas das letras do acrônimo LGBT+, mostrando que com essa fragmentação, também surge a segregação; e explicar o conceito de *pink money*, e como as grandes empresas lucram com essa fragmentação. Dessa forma, a premissa central do artigo é que a fragmentação LGBT+ é impulsionada por uma americanização da esquerda, devido a globalização dos modelos norte-americanos de movimentos sociais, transformando seus ideais, segregando a esquerda, enquanto a direita ascende cada vez mais. O artigo tem como metodologia qualitativa, utilizando de referencial teórico bibliográfico, com tipo de pesquisa exploratória, usando além de notícias, trabalhos da área das Relações Internacionais, como das Ciências Sociais e Humanas.

Palavras-Chave: Movimento LGBT+. Fragmentação. Americanização da esquerda.

1 INTRODUÇÃO

O estudo dos movimentos sociais tem se consolidado como instrumento importante para a análise de questões atinentes às Relações Internacionais, na medida em que estão em um lugar onde articulam-se a conquista de direitos fundamentais de minorias políticas dentro das sociedades nacionais e internacionais ao redor do globo. Assim, esta pesquisa analisará, através de uma lente voltada para o movimento LGBT+, como a hegemonia norte-americana no cenário internacional, influencia na transformação e propagação de ideais dos movimentos sociais, através do que o diplomata Lindgren Alves (2005) denomina de “americanização da esquerda”.

O movimento LGBT+, assim como os vários movimentos sociais, teve origem nos campos da esquerda, onde lutava-se pela igualdade de todos os seres humanos, independente das

¹Aluno de Graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.
Email: lucas_lira_menezes@hotmail.com

suas particularidades. No caso desse movimento, o intuito inicial era de agregar todas as sexualidades e identidades de gênero marginalizadas, que fugiam do padrão heterossexual normalizado pela sociedade, a fim de reivindicar seus direitos iguais e/ou equivalentes do padrão normativo sexual heterossexual vigente. Atualmente a sigla do movimento é composta por 12 letras e 1 número “LGBTQQICAPF2K+”, que representam respectivamente: lésbicas; *gays*; bissexuais; travestis; transexuais; transgêneros; *queers*; questionando; intersexuais; curiosos; assexuados; agêneros; aliados; pansexuais; polisssexuais; família e amigos; dois espíritos; “*kinks*” e o “+” que indica a disposição de adição de novas formas de expressão sexual ou de gênero.

Esta fragmentação revela, além da diversidade de modelos e identidades de gênero, a inexistência de um movimento que possua um termo único representativo que consiga englobar as reivindicações de todas as sexualidades e identidades de gênero citadas acima. Ou seja, trata-se de uma fragmentação ligada a luta pelo reconhecimento do multiculturalismo, cuja origem está ligada à sociedade norte-americana. Dentro desta perspectiva, aderiu-se a ideia da americanização da esquerda como responsável pela contínua fragmentação dos movimentos sociais para construir a problemática central desta pesquisa: o questionamento da fragmentação do movimento LGBT+, que surgiu de movimentos de esquerda, como sendo responsável pelo enfraquecimento de seus ideais originários, e, ao mesmo tempo, contribuindo para o fortalecimento do capitalismo.

Portanto, o objetivo geral desse trabalho, é analisar a fragmentação do movimento LGBT+ e seus efeitos, causada pela transformação dos seus ideais, de luta por igualdade, para direito à diferença, devido ao elemento da americanização da esquerda como responsável pelo enfraquecimento do próprio movimento, fortalecendo e propagando ideais neoliberais. Ainda, a pesquisa parte da premissa de que a fragmentação LGBT+ é impulsionada por uma americanização da esquerda, devido a globalização dos modelos norte-americanos de movimentos sociais, onde seus ideais são transformados, fortalecendo uma segregação da esquerda, enquanto a direita ascende e fortalece-se cada vez mais.

De modo a facilitar a compreensão da problemática em questão, a pesquisa se divide em três partes. A primeira parte abordará a questão do surgimento do movimento gay, antes de transformar-se no atual movimento LGBT+. Assim, busca-se elucidar o contexto histórico, desde as sanções que eram aplicadas às pessoas que fugiam dos padrões heterossexuais impostos pela sociedade, como reclusão e morte, até as conquistas até então adquiridas, no âmbito brasileiro e internacional.

A segunda parte busca explicar a fragmentação do movimento LGBTQ+, partindo da ideia da americanização da esquerda abordada no capítulo anterior, deixando explícita a segregação dentro do movimento, que amplia cada vez mais tal fragmentação. Na terceira e última parte, será abordada a transformação dos ideais dos Estados capitalistas a respeito da população LGBTQ+, a partir do momento em que as grandes empresas passam a obter lucros em cima desse movimento.

Ademais, o trabalho busca utilizar como referencial teórico, estudiosos como Marx (2015), Bobbio (1995), e Foucault (1999), assim como de teóricos que se dedicaram aos estudos de identidades de gênero e sexualidades, como a crítica de gênero Raymond (1979) e o sexólogo Kinsey (1948). Ainda, o presente artigo utiliza de trabalhos de estudiosos que, além de contribuírem no âmbito acadêmico sobre o movimento LGBTQ+, também fazem parte dele, como as pesquisadoras transexuais: Moira (2017), Stryker (2004), Silva e Souza (2017); o ativista bissexual Zane (2018); além da renomada filósofa lésbica pós-estruturalista: Judith Butler (2003).

2 ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MOVIMENTO LGBTQ+

Para compreender o motivo pelo qual o movimento *gay* se tornou o atual fragmentado movimento LGBTQ+ (que permanece em contínua fragmentação), é necessário ter ciência de todo o seu contexto histórico. Nesse capítulo será abordado, de forma resumida, seu surgimento a partir da reivindicação de direitos iguais com base nas teorias de esquerda, servindo de base para o entendimento da transformação da sua essência para o direito à diferença. Assim, sendo impulsionada pela globalização do sistema neoliberal norte-americano, estas transformações ocasionaram a “americanização da esquerda”, segundo o diplomata Lindgren Alves (2005), que será vista mais a frente.

A prática homossexual até os dias atuais ainda é considerada crime em muitos países. Segundo uma matéria de 2018 do jornal “O Globo”², cerca de 71 países ainda criminalizam a homossexualidade, com pena de morte em 8 desses. A maioria dos Estados que, recentemente, criminalizam as práticas homossexuais, se localizam na África e no Oriente Médio, e possuem forte influência religiosa nas suas leis. Porém, em um passado não tão distante, essas leis eram muito comuns nas outras regiões do globo também, inclusive no Brasil.

²Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/ser-homossexual-deixa-de-ser-crime-na-india-mas-ainda-em-71-paises-23045798>

Bomfim (2011) afirma que desde o ano de 529 DC já existia a pena, no Direito Romano, de execução às pessoas que praticassem a homossexualidade. A pena de morte de homossexuais, possuindo pretexto moral e religioso, se estendeu por anos e em vários Estados. No Brasil, por exemplo, até o ano de 1830, julgava-se que o homossexual deveria ser condenado a pena de morte pelo fogo.

Dessa forma, Reis (2007) afirma que as primeiras tentativas de organização de um movimento pela liberdade sexual, surgiram na Europa Central, no período entre 1850 e 1933. O intuito desses movimentos, era justamente lutar contra as leis, consideradas injustas, por criminalizar as relações entre pessoas do mesmo sexo e o “travestismo”³. Com o passar do tempo, as pautas foram se transformando, como por exemplo: a luta pela não classificação da homossexualidade e outras formas de sexualidades fora do padrão heterossexual monogâmico, como doença; o simples direito de ir e vir dos homossexuais; até a luta pelo direito ao casamento, entre pessoas do mesmo sexo, reconhecido pelo Estado.

Segundo Reis (2007), desses movimentos advindos das organizações em prol da descriminalização da homossexualidade, o mais forte era na Alemanha. Porém, com a ascensão do regime nazista em 1933, esse movimento chegou ao fim, após o fortalecimento de uma perseguição aos homossexuais, baseada no parágrafo 175 do Código Penal alemão, que configurava como crime as práticas homossexuais. Assim, retrocedendo qualquer avanço nessa luta, com a execução de aproximadamente 200 mil homossexuais alemães no holocausto (REIS, 2007), e “freando”, por um tempo, a reivindicação dessa classe por toda a Europa, por conta do medo diante da ascensão nazista.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve o ressurgimento de formas de organização política de resistência, tendo em vista o combate ao preconceito social à homossexualidade na Europa. Por exemplo, em 1949 houve a criação do *Center of Culture and Recreation (COC)* (SILVA; SOUZA, 2017) na cidade de Amsterdã, que tinha o intuito de oferecer cultura e recreação para mulheres lésbicas e homens *gays*, além de lutar pela contribuição da emancipação social dessa classe.

Enquanto isso, nos EUA em 1950, o Partido Comunista local fundou a *Mattachine Society*, em que igualavam a discriminação que estavam sujeitas as minorias raciais, ao *status* socialmente marginal que se encontravam os homossexuais. Logo após, surgiu o *Daughters of*

³O ato de vestir-se com roupas do sexo oposto.

Bilitis, um grupo de mulheres lésbicas fundado em 1955, também nos EUA, com o intuito de denunciar o isolamento sentido por muitas mulheres na atmosfera homofóbica e hostil no início dos anos 1950 (GREEN, 2003).

Por consequência, tendo em vista o pouco de visibilidade até então conquistada pelos homossexuais nos EUA, no ano de 1969 ocorreu a revolta mais conhecida mundialmente desse movimento: A Revolta de *Stonewall Inn*. Nos anos sessenta, os homossexuais estavam sofrendo forte perseguição no cenário de Guerra Fria dentro dos EUA, devido a repressão aos movimentos existentes voltados para suas causas. O bar *Stonewall Inn* era o “*point*” homossexual de Nova Iorque, sendo um lugar onde essa classe oprimida se sentia acolhida, pois muitos eram expulsos de casa por suas famílias desde muito novos, recorrendo muitas vezes ao tráfico de drogas e a prostituição para sobreviver (MOIRA, 2017).

Porém, no dia 28 de junho de 1969, os norte-americanos considerados *gays*, sofrendo mais uma de várias repressões policiais no *Stonewall Inn*, resolveram não mais se calar e se posicionar perante aquela opressão que poderia ocasionar o fim de um dos únicos locais que eles podiam se sentir seguros para se expressarem livremente. As pessoas ali presentes ao mesmo tempo que sofriam hostilidade dos policiais, começaram a arremessar garrafas e tijolos, enquanto bradavam seu grito de guerra: “*gay power*”, reivindicando o reconhecimento das suas identidades e seus direitos (MOIRA, 2017).

Protagonizando uma revolução que durou um final de semana inteiro, alguns dos habituais frequentadores do local, assim como as líderes travestis da revolta: Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera (que iniciaram o “Movimento T” nos EUA, que será abordado mais a frente), após o fim desse conflito, passaram a se organizar politicamente através do grupo que foi nomeado de Frente de Libertação *Gay*, reivindicando uma série de outras questões políticas para essas minorias (FRY; MACRAE, 1985).

Dessa forma, sempre lutando pelos direitos dos homossexuais norte-americanos de existirem, um ano após o ocorrido, milhares de pessoas se reuniram no local da revolta, dando início à primeira Marcha do Orgulho *Gay* (MOIRA, 2017), imortalizando o dia 28 de junho como o dia do orgulho *gay* nos EUA.

No cenário brasileiro pós-Segunda Guerra Mundial, apesar de não haver muita influência norte-americana como no pós-Guerra Fria, coincidentemente em 1970, em meio as insatisfações

dos brasileiros perante o modelo ditatorial vigente na época, surgiram os primeiros movimentos visando os direitos dos homossexuais brasileiros, a partir de reuniões secretas em espaços sociais.

Nesses espaços, jovens homossexuais se agrupavam para reivindicar suas pautas, pois apesar de a homossexualidade não ser considerada crime no Brasil desde 1830, ainda era considerada um transtorno mental, assim como um pecado, reforçando uma série de preconceitos. Dessa forma, surgiu em 1978 o primeiro jornal brasileiro com temática inteiramente homossexual: “O Lampião da Esquina”. Esse jornal servia para, dentre várias razões, denunciar a perseguição sofrida pelas mulheres lésbicas pelo regime militar, apenas por conta da sua condição sexual (FÁBIO, 2017).

Já na Alemanha Oriental, o parágrafo 175, denominado vulgarmente de “parágrafo *gay*”, foi eliminado do Código Penal alemão em 1968, e na Alemanha Ocidental, em 1994⁴. No mais, outra conquista alemã importante foi a do dia 3 de junho de 2018, em que a Alemanha, em nome do atual presidente Frank-Walter Steinmeier, oficializou o pedido de perdão aos homossexuais pelas perseguições e crimes do nazismo sofridos durante décadas⁵.

Enquanto nos EUA, segundo o ativista bissexual estadunidense, Zane (2018), surpreendentemente, a homossexualidade foi descriminalizada em todos os estados apenas recentemente, no início do século XXI, em 2003 (sendo Texas o último estado a desconsiderar a homossexualidade como crime). No mais, a prática era considerada crime apenas baseada em preceitos morais e cristãos, pois em 1975, tanto a Associação Americana de Psiquiatria quanto a de Psicologia, já haviam retirado essa condição sexual da lista de transtornos mentais⁶. Também houve a mais recente conquista do movimento nos EUA em 2015: a aprovação do casamento *gay* em todos o país pela Suprema Corte⁷.

Já no âmbito das organizações internacionais, desde o ano de 1990, com a Guerra Fria chegando ao fim, sendo consolidada a hegemonia ianque, a homossexualidade foi retirada da lista de transtornos psicológicos e psiquiátricos pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Nessa mesma época, passaram também a surgir as tentativas de inserir o tema da homossexualidade no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU)

⁴Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/49503/alemanha-pede-perdao-porperseguiçao-de-homossexuais>

⁵Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/alemanha-pede-perdao-aos-homossexuais-pelos-crimesnazistas/>

⁶Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-deser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html>

⁷Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/suprema-corte-dos-eua-aprova-ocasamento-gay-nacionalmente.html>

Assim, na ONU, foram promovidas até 2004, fortes mobilizações pela *Human Rights Watch*, visando inserir o tema da liberdade homossexual nos debates da Comissão dos Direitos Humanos, mas nunca obtendo êxito devido a forte oposição de vários Estados-membros, sob pretextos de ameaça a valores culturais e religiosos. Já em 3 de dezembro de 2008, em uma Assembleia Geral da ONU, 66 países apresentaram uma declaração conjunta sobre direitos humanos, orientação sexual e identidade de gênero (TERTO; SOUZA, 2015). Porém, foi apenas em 2011 que o Conselho de Direitos Humanos da ONU aprovou uma resolução destinada a promoção da igualdade de todos os indivíduos sem distinção da orientação sexual⁸. Em suma, os LGBT+ dos países citados acima, foram (e ainda estão) colhendo os frutos dos resultados de muita luta e resistência.

3 A FRAGMENTAÇÃO LGBT+

Neste capítulo será abordada a transformação cronológica do movimento *gay* no atual movimento LGBT+, a partir do contexto histórico abordado por estudiosos da área, além dos principais movimentos que compõem o acrônimo resumido “LGBT+”, assim como a aplicação de teorias para reforçar a ideia de segregação.

O filósofo e sociólogo alemão Axel Honneth (2003), em sua “teoria do reconhecimento”, afirma que a formação da identidade dos indivíduos de uma sociedade depende de um processo intersubjetivo conciliado pelo mecanismo do reconhecimento. Dessa forma, os indivíduos passam a buscar esse reconhecimento através de três dimensões necessárias para a formação das suas identidades: a do amor; a do direito; e a de solidariedade: “Os indivíduos e grupos só formam suas identidades e são reconhecidos quando aceitos nas relações com o próximo (amor), na prática institucional (justiça/direito) e na convivência em comunidade (solidariedade)” (HONNETH apud FUHRMANN, 2013).

Assim, tendo conhecimento da necessidade do ser humano de formar identidades e ser reconhecido pela sociedade, bem como entendendo a influência das teorias pós-modernas libertárias nos movimentos sociais, compreende-se a base do porquê da fragmentação do movimento *gay*, tornando-se o atual movimento LGBT+. Primeiramente, o movimento LGBT+ se caracteriza a partir da união de reivindicações honnethianas de reconhecimento de

⁸Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/conselho-de-dh-da-onu-aprova-resolucaohistorica-sobre-homossexuais-1.html>

sexualidades e identidades de gênero que fogem dos padrões impostos pela sociedade heteronormativa.

Logo, o movimento *gay* com o intuito político de englobar homens e mulheres homossexuais, assim como outras sexualidades e identidades de gênero, como travestis e transexuais, falhou. A maioria destes não se sentia representada, visto que a “comunidade *gay*” acabava por protagonizar apenas os homens homossexuais, invisibilizando os outros membros do movimento.

Outra tentativa de englobar todos os membros desse movimento em uma única nomenclatura, surgiu no ano de 1990 nos EUA, através de uma organização de pessoas denominada “*Queer Nation*” que participava da Marcha do Orgulho *Gay*. Essa organização foi mais além, sugerindo o resgate da antiga ofensa “*queer*” como forma de identificação de todo o grupo LGBTQ+ (IRONS, 2017).

Desde o século 19, o termo *queer* era usado de forma pejorativa para se referir a pessoas que não seguiam os padrões de homem masculino e mulher feminina, assim como à homossexuais. Portanto, a ideia dessa organização, era ressignificar essa expressão e transformá-la em uma identificação em comum, uma vez que “*gay*” remetia ao “feliz”, e ao homem homossexual que se adequava ao padrão heteronormativo masculino (IRONS, 2017).

Apesar da tentativa de adoção do termo “*queer*” como forma de resistência e com o intuito positivo de englobar todos os LGBTQ+, pela organização “*Queer Nation*”, o termo não foi muito bem aceito pelo movimento. Com o intento de empoderar os *gays* afeminados, as lésbicas masculinas, as pessoas que não se sentiam representadas nem pelo masculino nem pelo feminino e as que se sentiam representadas por ambos, acabavam por afastar os heterossexuais aliados à causa, ao afirmar que todas as pessoas heterossexuais eram inimigas. Ainda, essa afirmação rejeitava os homossexuais que “se submetiam à discriminação e a marginalização do mundo heterossexual” (IRONS, 2017).

Dessa forma, o termo “*queer*” falhou em representar todos os LGBTQ+, assim como o termo “*gay*”, sendo transformado em uma representação para pessoas que não se identificam com a heterossexualidade e o binarismo de gênero. Assim, sendo englobado no acrônimo do movimento como o primeiro “Q”, localizado no “+” na forma resumida, que atualmente já possui 12 letras e 1 número: LGBTQQICAPF2K+⁹.

⁹Disponível em: <https://www.thegayuk.com/there-is-now-a-k-in-lgbtqqicapf2k/>

A fragmentação do movimento começou (ou, pelo menos, ficou mais evidente) a partir da década de 80, com a adoção de acrônimos para determinar a classe LGBTQ+. Essa ação teve início devido a ineficácia da utilização de um termo único para abranger as reivindicações de todas as sexualidades e identidades de gênero marginalizadas.

3.1 “L”

As lésbicas norte-americanas foram as primeiras a aparecerem juntamente aos homens gays na sigla LGBTQ+. Esse ato deve-se ao seu papel fundamental na luta contra a pandemia da AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) na década de 80. Por todo o globo, em meados dos anos 80 e início dos anos 90, houve a disseminação desenfreada da doença AIDS, que foi responsável pela morte de milhares de homens gays, bissexuais e mulheres transexuais. Dessa forma, grupos de mulheres lésbicas se uniram para lutar contra essa doença que afetava os seus parceiros de luta, doando sangue, e providenciando comida, casa e roupa para os afetados (ANDRIOTE, 1999).

Como a maioria das lideranças dos movimentos *gays* eram de homens, após a crise da AIDS que afetou majoritariamente os homens *gays*, as mulheres lésbicas passaram a ter papéis mais ativos de liderança nos movimentos e organizações. Assim, passaram a ser mais reconhecidas perante o movimento, podendo abordar, com mais veemência, outras pautas, como a estrutura de poder masculina preponderante na comunidade LGBTQ+. Como resultado, a partir dos anos 90, centros comunitários voltados para homossexuais, que possuíam apenas a palavra “*gay*” na nomenclatura, acrescentaram “lésbica”, e após a adoção do acrônimo, composto pelas letras iniciais que representam cada identidade sexual e de gênero marginalizada, o “L” passou a ser adotado antes do “G” na sigla norte-americana (DRESCHER, 2016).

As conquistas das lésbicas foram resultado de muita resistência, pois estas sofrem de um “acúmulo de discriminações” (BORRILLO, 2009), uma vez que além de lutar pela discriminação do seu gênero em uma sociedade patriarcal em que todas as mulheres estão submetidas, ainda têm que lutar pelo reconhecimento da sua sexualidade, considerada fora dos padrões impostos pela sociedade. Peter Fry e Edward MacRae (1985) intitularam as lésbicas de “pedra no sapato” das feministas e das “bichas”, em sua obra “O que é homossexualidade”, pois além de todos esses empecilhos, até as feministas se recusavam a endossar o movimento lésbico. Segundo Betty Friedan, a fundadora da organização feminista moderada norte-americana “NOW” (*National*

Organization for Women), fundada em 1966, era necessário “preservar” a imagem das feministas, evitando o envolvimento com as lésbicas.

Outro preconceito predominante com as lésbicas, muito mais comum antes da pandemia da AIDS, porém ainda muito atual, é a misoginia presente dentro das próprias organizações lideradas por homens homossexuais. Assim, as lésbicas apenas passaram a ter mais voz e a serem mais respeitadas dentro do movimento, quando ajudaram a combater a doença que afetava, majoritariamente, aqueles que lhes menosprezavam (DRESCHER, 2016).

No Brasil a situação das mulheres homossexuais não foi muito diferente. As mulheres que ousavam fazer parte de campos que eram ocupados predominantemente por homens, logo eram taxadas como lésbicas, com o intuito de ofendê-las. A sociedade, através de meios de comunicação, como jornais, associava qualquer tipo de emponderamento feminino a lesbianidade. Por exemplo, uma candidata ao governo do Rio de Janeiro em 1982, Sandra Cavalcanti, foi taxada vulgarmente de “Sandra sapatão” pelo jornal “Hora do Povo”, apenas por participar efetivamente da política. Essas atitudes afastavam as feministas da luta lésbica, reforçando o isolamento das mulheres lésbicas nos movimentos sociais (FRY; MACRAE, 1985).

Apesar dos movimentos sociais no Brasil (assim como no resto do mundo) terem forte influência dos EUA, apenas após a junção do movimento lésbico à pauta feminista, foi que a sigla LGBTQ+ no Brasil passou a aderir, oficialmente, o “L” adiante do “G”, em 2008, em uma conferência nacional de Direitos Humanos e Políticas Públicas. Sendo a adoção do “L” no começo da sigla, uma reivindicação feminista, visando aumentar a visibilidade da mulher lésbica dentro do movimento, com o intuito de combater o machismo e o patriarcado presente em toda a sociedade, inclusive nos movimentos sociais¹⁰.

3.2 “G”

O “G” no acrônimo LGBTQ+, refere-se a palavra *gay* relacionada ao início do movimento. Anteriormente possuía o intuito de englobar todas as identidades de gênero e de sexualidades marginalizadas, porém, assim como a *queer*, não obteve sucesso, uma vez que os protagonistas sempre eram os homens homossexuais, reforçando a necessidade de uma fragmentação que visasse uma igualdade de protagonismos.

¹⁰Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL597188-5606,00-MUDANCA+DE+SIGLA+DE+GLBT+PARA+LGBT+DIVIDE+COMUNIDADE+GAY.html>

Esta letra diz respeito a todo o processo estudado no início da obra, no primeiro capítulo, e foi devido ao seu protagonismo excludente dentro do movimento, que as outras identidades de gênero e sexuais marginalizadas resolveram reivindicar mais espaço, e estão sendo explanadas nessa obra.

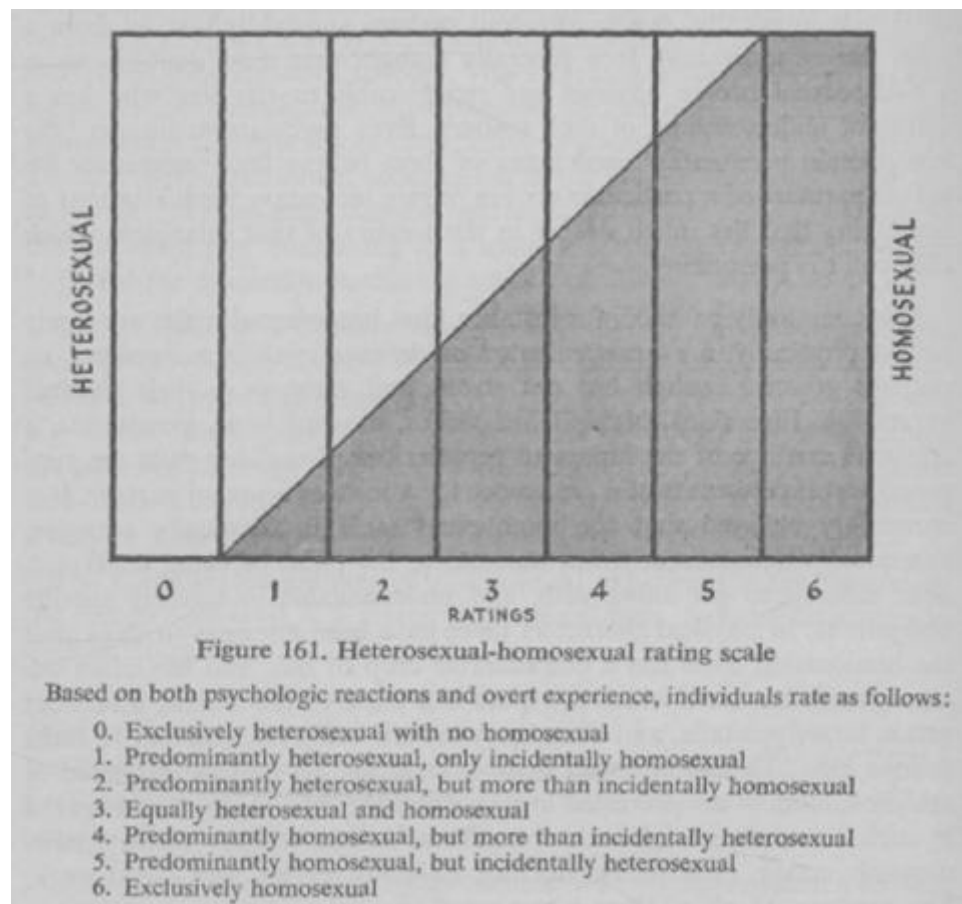
3.3 “B”

No caso dos bissexuais, que compõem a letra “B”, no acrônimo LGBTQ+, são pessoas que se sentem atraídas afetivamente e sexualmente, tanto por homens quanto por mulheres, e sua maior reivindicação é pelo reconhecimento da existência da sua sexualidade. Por ser a primeira forma de sexualidade a romper a dicotomia sexual existente, que se baseia entre heterossexual e homossexual, é bastante questionada e deslegitimada, até os dias atuais, tanto pelos heterossexuais, quanto pelos homossexuais.

A invisibilidade da bissexualidade no movimento, é algo que é debatido até os tempos atuais. Essa prática, dentro do movimento, parte de preconceitos reproduzidos pelos homossexuais em 1980, que recusavam apoiar a “causa bi”, pois acreditavam que estes eram homens e mulheres homossexuais frustrados, que não admitiam suas verdadeiras identidades sociais como homossexuais para a sociedade, nem para si mesmos (LELI; DRESCHER, 2005).

Todavia, o que reforça ainda mais esse estigma aos bissexuais dentro do movimento LGBTQ+, é a análise, inclusive por acadêmicos, desta sexualidade como uma espécie de “espectro” entre a heterossexualidade e a homossexualidade. A “escala Kinsey”, por exemplo, criada pelo sexólogo Alfred Kinsey (1948), e publicada pela primeira vez em sua obra “*Sexual Behavior in the Human Male*” (exposta a seguir, na figura 1), categorizava a orientação sexual dos indivíduos, com base nas suas experiências sexuais, em números de “0” a “6”. O “0” significava exclusivamente heterossexual e o “6”, exclusivamente homossexual.

Figura 1 – Escala Kinsey



Fonte: *Sexual Behavior in the Human Male*, KINSEY (1948)

Ademais, a escala Kinsey acabou servindo de inspiração para vários outros estudos acadêmicos, sendo utilizada, inclusive, até os dias atuais. Isso pode ser tido como um ponto negativo para o ativismo bissexual, pois muitos estudiosos ajudaram a reforçar o estigma de que a bissexualidade é um espectro entre homossexualidade e heterossexualidade, assim como pode ser visto como um ponto positivo, pois ampliou o estudo sobre a bissexualidade e outras formas de liberdade sexual. Por exemplo, os pesquisadores, a partir do estudo da escala Kinsey, foram mais além, e passaram a observar não apenas as experiências kinseyianas, como também o desejo sexual, até passarem a abordar a identificação pessoal (ULRICH, 2016).

Portanto, o pesquisador, PhD em história, Steven Angelides (2001), vai afirmar em sua obra *“History of Bisexuality”*, que a bissexualidade foi apagada do registro histórico, uma vez que essa sexualidade sempre é encaixada como uma forma de “categoria” da dicotomia entre heterossexual e homossexual. Isso acontece pois não há como identificar um “ato bissexual”, por exemplo, a relação entre pessoas do sexo oposto se configura em um “ato heterossexual”, já a

relação entre pessoas do mesmo sexo, um “ato homossexual”. Por isso o movimento bissexual reforça a necessidade da identificação sexual individual.

Por conseguinte, devido à luta ativista por reconhecimento bissexual nos EUA, em 1988, os ativistas do “movimento gay e lésbico” passaram a aderir o termo LGBT, incluindo a causa bi, assim como a trans, que será vista a seguir. Porém, apesar de ser um símbolo de um movimento de inclusão, até os dias atuais ocorre uma forte marginalização dessa sexualidade dentro do movimento (ALEXANDER; YESCAVAGE, 2004).

No Brasil, era muito comum o emprego do termo “GLS” (gays, lésbicas e heterossexuais simpatizantes à causa) ao se retratar do movimento LGBT+. O acrônimo GLS surgiu em 1994, pelo empreendedor André Fischer¹¹, juntamente a Suzy Capó, uma jornalista e empresária. Essa sigla não possuía caráter político-social como a LGBT+, ela foi criada para ser direcionada apenas ao “mercado *gay*”.

Contudo, a popularidade do termo GLS era tão grande, que a sociedade o aplicava quando ia designar qualquer segmento que possuía relação com alguma causa de liberdade sexual que fugia dos padrões heteronormativos, incluindo as causas político-sociais. Dessa maneira, mesmo com a adoção oficial do termo LGBT+ em 2008, pela Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, citada anteriormente, diversas entidades não adotaram o termo, continuando utilizando o acrônimo GLS para se referir à comunidade.

Inclusive, a ABLGBT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), em 2015, declarou, através de um manual de comunicação, que a sigla GLS era, de fato, excludente, pois invisibiliza as pessoas bissexuais, travestis, transexuais, e as que se identificam com as outras sexualidades e identidades de gênero presentes no movimento.

Portanto, mesmo com o emprego do “B” no acrônimo LGBT+, as pessoas que se consideram bissexuais ainda sofrem preconceito pela falta de reconhecimento da existência da sua sexualidade pela causa LGBT+, lutando por mais visibilidade dentro do movimento. Se unindo ao apoio nessa luta, a ONU lançou uma campanha chamada “Livres & Iguais”, na qual requisitava mais visibilidade às mulheres bissexuais e lésbicas¹².

¹¹Disponível

http://portalimprensa.com.br/revista/edicao_mes.asp?idEdicao=6&idMateriaRevista=71

¹²Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-pede-mais-visibilidade-para-lesbicas-e-bissexuais-ereconhecimento-de-familias-de-todos-os-tipos/>

3.4 “T”

Já no caso da letra “T” da sigla do movimento LGBTQ+, diz respeito as pessoas consideradas travestis, transexuais ou transgêneros. De acordo com o manual de comunicação LGBTQ+, divulgado pela ABLGBT, as travestis são pessoas que se identificam com o gênero oposto ao do seu nascimento, mas que não desejam realizar cirurgia de redesignação sexual, transexuais são pessoas que podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções cirúrgicas para se adequarem a sua identidade de gênero, enquanto transgêneros são pessoas que transmitam entre os gêneros.

O primeiro movimento político transexual norte-americano, surgiu em 1966 (três anos antes da rebelião de *Stonewall*) na cidade de São Francisco, em que as prostitutas transexuais daquele local protestaram contra o tratamento policial abusivo que elas sofriam. Após o ocorrido, em 1967 as transexuais de São Francisco criaram o programa “*Conversion Our Goal*”, com o objetivo de prestar auxílio a essa classe, que posteriormente se transformou no “*Transsexual Counseling Service*” (STRYKER, 2004). Porém, foi apenas após a rebelião de *Stonewall Inn* que foi declarado o dia do orgulho *gay* e a marcha do orgulho *gay*, subentendendo-se que as transexuais e as travestis estariam inclusas, pois as líderes da rebelião se integravam nessa categoria.

Contudo, continuou havendo a necessidade da criação de organizações para proteger, garantir e lutar pelos direitos dessas pessoas, pois, por reivindicarem questões de gênero, sempre entravam em conflito com o movimento que era majoritariamente por liberdade sexual. Portanto, organizações como a “*Street Transvestite Action Revolutionaries*” (*STAR*), fundada pelas líderes da manifestação de *Stonewall Inn*: Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, em 1970, continuaram emergindo até os dias atuais (STRYKER, 2004).

Porém, as travestis e as transexuais, fazem parte de uma classe social que ainda é extremamente marginalizada, em que o preconceito sofrido por elas, impede o atendimento dos seus direitos humanos fundamentais. Dessa forma, garantindo uma exclusão estrutural, em que o próprio sistema dificulta o acesso à educação e ao mercado de trabalho para essas pessoas, restando a prática da prostituição como única alternativa de meio de sobrevivência (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015).

Para dificultar ainda mais a situação social em que essa classe está inserida, ela se localiza no segmento do movimento LGBTQ+ que mais sofre preconceito e problemas de aceitação dentro

dos próprios movimentos sociais, oriundos da esquerda. Por exemplo, na década de 70, quando a pauta travesti e transexual começou a ganhar mais visibilidade no período pós-*Stonewall*, e as mulheres transexuais passaram a se afirmar como mulheres, e os homens transexuais, como homens, acabaram gerando debates, sobre o tema, entre as feministas críticas de gênero e radicais.

Segundo a professora e feminista radical Janice G. Raymond (1979), em sua obra “*The Transsexual Empire*”, a transexualidade é um problema social, em que através de cirurgias e tratamentos hormonais, as pessoas transexuais rejeitam os seus corpos de nascimento, para se enquadrar nos papéis sociais de homem e de mulher impostos pela sociedade. Afirmando assim, que os transexuais acabam por reforçar os padrões conservadores de masculinidade e feminilidade em vez de combatê-los.

Ressaltando que mulheres transexuais são, na verdade, homens frutos do sistema patriarcal que estão engajados em “roubar” o protagonismo das mulheres cis, em um espaço seguro feito por elas e para elas, assim como afirmando que homens transexuais são mulheres traidoras do gênero feminino e da pauta feminista, almejando se tornarem os opressores, Raymond (1979) foi uma das principais propulsoras desse pensamento crítico. Porém, este pensamento é considerado, nos dias atuais, pelo movimento LGBTQ+ como transfóbico¹³, sendo acusado de fortalecer a pauta do feminismo radical quanto aos transexuais.

Inclusive, essa questão ajudou a segregar ainda mais a causa feminista, pois enquanto as feministas liberais apoiam e incluem as mulheres trans, as radicais não as consideram enquanto mulheres, gerando conflitos dentro do movimento. Sendo rejeitados por parte das feministas, além de marginalizadas pela sociedade heteronormativa que lhes priva dos seus direitos humanos básicos, os transexuais também lutam por aceitação dentro do próprio movimento LGBTQ+.

Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, como mencionado anteriormente, foram as pioneiras da rebelião de *Stonewall*, além de fundadoras do grupo “*Gay Liberation Front*”, que lutava pelo fim da perseguição à diversidade. Além disso, elas ainda fundaram a organização citada anteriormente, “*STAR*”, que tinha como intuito oferecer moradia a jovens LGBTQ+, tendo muitas vezes que se prostituírem para pagar a moradia, as vestimentas e a alimentação dos jovens resgatados por elas (OLIVEIRA, 2017).

¹³Pessoa ou grupo de pessoas que tem repulsa ou preconceito por transexuais, travestis e transgêneros

Em 1973, Sylvia Rivera foi humilhada, expulsa do palco por vaias, em um “rally” LGBTQ+ quando subiu ao palco contra a vontade dos organizadores do movimento. Já em 1992 Marsha P. Johnson foi encontrada morta, e seu caso foi classificado como suicídio, nunca tendo as circunstâncias da sua morte totalmente esclarecidas (OLIVEIRA, 2017). Esses exemplos servem para mostrar como funciona a invisibilidade trans dentro do movimento LGBTQ+. Enquanto as grandes pioneiras do atual movimento, sofreram para ajudar e dar voz a jovens oprimidos, como retribuição foram vaiadas e mortas sem causas esclarecidas. A morte de pessoas transexuais, principalmente mulheres, apenas por serem quem são, é muito comum até nos dias atuais.

Segundo um relatório da organização *Transgender Europe* (TGEU), uma rede de pessoas transexuais com o intuito de combater a discriminação e apoiar os direitos das pessoas trans, o Brasil, por exemplo, é o país que mais mata transexuais no mundo. De acordo com um levantamento em 2016 do Grupo *Gay* da Bahia, apenas no ano do estudo, uma média de aproximadamente 144 travestis e transexuais foram assassinadas no Brasil (OLIVEIRA, 2017).

O motivo para que esses atos ocorram, é justamente, como citado anteriormente, a marginalização dessas pessoas devido ao preconceito sistêmico, sendo necessárias políticas de inclusão, para inserir esses indivíduos na sociedade, algo que o movimento LGBTQ+ é acusado de não priorizar, uma vez que protagoniza os homens cis gays. No Brasil, em alguns estados, foram aplicados programas que visavam melhorar a qualidade de vida das pessoas travestis e transexuais que vivem em situação de vulnerabilidade.

Em 2015, o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, foi responsável pela expansão do programa Transcidadania, em que fornece bolsas de estudos a travestis e transexuais que vivem em situações de risco¹⁴. Porém, mesmo com alguns direitos básicos garantidos, essas pessoas continuam na margem da sociedade, sendo assassinadas diariamente. Ainda, com a ascensão atual da extrema direita conservadora no cenário internacional, os poucos direitos até então conquistados, podem ser, e estão sendo perdidos.

Um exemplo de remoção de direitos de transexuais conquistados, devido a ascensão de líderes considerados da extrema direita conservadora, está sendo posto pelo governo de Donald J. Trump. Recentemente, nos EUA, houve vários retrocessos quanto a questão de políticas públicas para pessoas trans e travestis, como o veto a lei que garantia acessibilidade aos banheiros de

¹⁴Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,programa-de-haddad-inclui-ideiasaplicadas-em-sao-paulo,70002550362>

acordo com a sua identificação de gênero, assim como a proibição do Censo do país de perguntar questões de orientação sexual e identidades de gênero, com o intuito de melhorar e criar políticas públicas para essas minorias, e a tentativa presidencial de demitir todos os militares transexuais das forças armadas. Porém, a mais recente ocorreu em outubro de 2018, em que o governo Trump está considerando definir questões de gênero como uma condição biológica imutável, determinada através da genitália¹⁵.

Portanto, por mais que a letra “T” seja a pioneira nas rebeliões que geraram o atual movimento LGBTQ+, ela permanece sendo a mais marginalizada e menos aceita. Apesar de já terem adquirido muitas vitórias e conquistas como citado anteriormente, esses progressos podem ser perdidos, como visto acima. Dessa forma, é papel fundamental do Movimento LGBTQ+, de lutar para que haja garantia desses direitos, evitando retrocessos.

3.5 “+”

No caso do “+” referente em LGBTQ+, serve para resumir as outras sexualidades e identidades de gênero que foram aderidas à causa. Ele atualmente, representa o “QQICAPF2K”, mas continua presente mesmo na forma completa do acrônimo, após o “K” pois subtende-se que está sempre aberto para novas adições.

As siglas presentes no “+” representam respectivamente:

- Q – *queer*: representando aqueles que simplesmente não se identificam com a heterossexualidade e o binarismo de gênero;
- Q – questionando: alguém descobrindo seu corpo e por quem sente atração;
- I – intersexual: identidade de uma pessoa que se encontra entre os rótulos “homem” e “mulher” por possuir características marcantes de cada um;
- A – assexuado: quem não sente simples atração sexual;
- A – agênero: identidade de quem não se identifica com algum sexo;
- A – aliado: alguém que lute, simpatize e compartilhe dos objetivos da causa;
- C – curioso ou curiosa: quem experimenta seus sentimentos e atrações;

¹⁵Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,apos-apoio-nas-eleicoes-caitlyn-jennercritica-trump-por-direitos-transgeneros,70002560282>

- P – pansexual: pessoa que sente atração por pessoas, independentemente de sexo ou identidade de gênero;
- P – polisssexual: atração por vários gêneros ou com múltiplas sexualidades;
- F – família e amigos (“F” de “*friends*”, palavra em inglês): apoiadores dos conhecidos e parentes;
- 2 – dois-espíritos: identidade de gênero mista, masculino ou feminino;
- K – “*kink*”: palavra em inglês para excitação sexual ou fetiche.¹⁶

Em trabalhos acadêmicos, e em artigos de sites ou revistas norte-americanos, é comum a presença do “+” após a sigla “Q”, na forma resumida de LGBTQ+. Já no Brasil é mais comum o emprego do acrônimo resumido como apenas “LGBT+”, ou com o “I” antes do “+”, no lugar do “Q”, porém não é regra.

Em suma, este capítulo abordou a fragmentação do movimento que luta pelos direitos das minorias sexuais e de identidades de gêneros. Essa fragmentação acaba por intensificar a segregação dentro dos movimentos originários da esquerda, gerando dúvidas, questionamentos, e criando cada vez mais empecilhos na realização de um movimento único, que englobe todas as pautas principais dos envolvidos.

Portanto, como Alves (2005) afirma em sua obra, os movimentos sociais acabam por permanecer discutindo entre si pautas pós-modernas, devido a manipulação do absolutismo do mercado norte-americano, se dividindo cada vez mais, enquanto as direitas, tanto a liberal econômica, quanto a conservadora, se unem e ascendem no poder no cenário internacional. Essa fragmentação, ainda por cima, contribui com o fortalecimento do capitalismo, a partir de empresas que se aproveitam das causas geradas por ela, a fim de obter lucros, como será explanado no capítulo a seguir.

Dessa forma, a seguir será abordado o crescimento da influência norte-americana nos modelos de movimentos sociais brasileiros e ao redor do mundo, após a vitória ianque na Guerra Fria. Imediatamente, com os EUA derrotando a URSS e se tornando a principal potência mundial, seus costumes neoliberais, crenças e meios de viver, passaram a ser globalizados mais intensamente, assim como seus modelos de movimentos sociais, ocorrendo o que ficou conhecido como a americanização da esquerda.

¹⁶Disponível em: <https://igay.ig.com.br/2018-02-23/movimento-lgbt-sigla.html>

4 A ESQUERDA E SUA AMERICANIZAÇÃO

Conforme apontado por Martins (2015), as nomenclaturas “direita e esquerda” surgiram na primeira fase da Revolução Francesa (1789-1799). Na época, a burguesia estava lutando com o intuito de reduzir os poderes do clero e da nobreza, procurando o apoio da classe mais pobre como aliada. Uma vez conquistado esse apoio, montou-se uma Assembleia Nacional Constituinte com o intuito de criar a nova Constituição francesa, que assegurasse uma maior igualdade entre classes, assim como uma diminuição de privilégios das classes dominantes. Ao perceber que a classe mais pobre participaria, a nobreza sentou-se ao lado direito, com o intuito de não se agregar com os mais desafortunados, que restaram, isolados, ao lado esquerdo (MARTINS, 2015).

Portanto, a esquerda acabou ficando associada, na história, às lutas pelos direitos dos trabalhadores, das classes mais pobres, enquanto a direita dizia respeito aos mais conservadores, a elite. Com o tempo, esses significados foram sofrendo diversas alterações, mas, de acordo com Bobbio (1995), a principal distinção entre as duas permaneceu imutável: enquanto a esquerda luta pela busca da justiça social, a direita almeja a liberdade individual.

Ademais, a esquerda ganhou muita força no cenário internacional com a criação da teoria comunista pelo sociólogo alemão Karl Marx (2015). O comunismo tem como base a luta contra o capital, pois, resumidamente, o capitalismo é o principal mal propulsor dos outros males. Com o fim do capital, o sistema de classes desapareceria, e seria estabelecida uma sociedade igualitária, baseada na propriedade comum dos meios de produção, erradicando até mesmo o próprio Estado.

Essa manifestação comunista ao redor do globo foi tão impactante, que serviu de inspiração para alguns governos, como o da ex-grande potência mundial: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), principal agente na derrocada do nazismo na época da Segunda Guerra Mundial. À vista disso, a esquerda que propaga com afinco os ideais marxistas, assim como os pensadores socialistas revolucionários ou sociais-democratas são denominados de “esquerda antiga” (ALVES, 2005).

Por outro lado, segundo Lindgren Alves (2005), a “nova esquerda” se caracterizaria pelo novo perfil que ela apresenta de propagação dos ideais neoliberais norte-americanos. Este argumento levou Alves a desenvolver a ideia da: “americanização da esquerda”. Essa americanização foi consolidada a partir de, aproximadamente, 1968, quando passou a haver, no campo acadêmico, uma separação metodológica entre cultura e economia, tendo início nos EUA

e se propagando com afinco por todo o globo terrestre em seguida, especialmente no contexto pós-Guerra Fria (ALVES, 2005).

Assim, Lindgren Alves (2005) afirma que a manipulação das teorias pós-modernas pelo absolutismo do mercado norte-americano, foi a propulsora para esse acontecimento, uma vez que esta se aproveitou da ampliação do debate da esquerda para além da luta de classes e do capital. Então, formas de emancipação de sistemas opressivos como o patriarcado, o racismo, o Estado (e a homofobia¹⁷), passaram a ser pauta dos progressistas, se aproximando do caráter libertário do liberalismo (e, em seguida, do neoliberalismo), servindo de escusa para justificar os males generalizados pelo absolutismo desse mercado, e fortalecendo a direita na política.

No entanto, muito do pós-modernismo se propagou dos EUA, retratando problemas políticos do local e propagando uma americanização cultural, ou seja, americanizando os modelos de movimentos sociais a partir dos interesses e identidade norte-americanos, por todo o cenário internacional, devido à sua hegemonia. Assim, o perspectivismo epistemológico foi estimulado através do essencialismo identitário, produzindo a inversão das posições da esquerda: do universalismo igualitarista à defesa do direito à diferença (ALVES, 2005). Dessa forma, Norberto Bobbio (1995) afirma que não há como negar a mudança da esquerda, mas ressalta a necessidade de carregar os ideais que têm distinguido todas as esquerdas durante séculos, por toda a história. Ou seja, Bobbio adverte para a necessidade de não esquecer as “raízes” da esquerda.

No mais, pode-se perceber a influência do padrão norte-americano de modelo de movimentos sociais pelo movimento estudado neste trabalho. Fica clara a supremacia estadunidense e a americanização a respeito desse movimento, quando o dia do Orgulho *Gay* (atualmente LGBT+), comemorado internacionalmente, é no dia 28 de junho, decorrente de uma revolta ocorrida nos EUA (a de *Stonewall*), por e para os homossexuais estadunidenses.

Portanto, apesar de não se poder negar a importância das questões levantadas sobre a luta por conscientização populacional do respeito à diversidade, em função das construções das teorias pós-modernas (ALVES, 2005), não se pode rejeitar o fato de que a americanização cultural da esquerda propiciou uma vasta fragmentação do movimento LGBT+, como já explanado anteriormente, além de contribuir com o fortalecimento do capitalismo, que será abordado, mais detalhadamente, a seguir.

¹⁷Aversão à homossexualidade

4.1 *Pink Money*

O “*pink money*” significa, na tradução literal para o português, “dinheiro rosa”, e esse termo é utilizado para se referir ao poder de compra da classe LGBTQ+. Essas pessoas, por terem planos sociais e econômicos distintos da maioria dos heterossexuais, que possuem projetos enraizados estruturalmente de constituírem uma família, passaram a ter um poder aquisitivo maior, e a consumir produtos, serviços e marcas de alta qualidade. Dessa maneira, adquirindo cada vez mais espaço na sociedade capitalista. (CABANELAS, 2007).

Dessa forma, a partir da explicação do consumo LGBTQ+, denominado de dinheiro rosa, e “mercado rosa” como um mercado LGBTQ+ em ascensão, serão explanados, neste capítulo, exemplos atuais que explicam a transformação de ideais pessoais, por conta do materialismo, em que as empresas passam a apresentar uma imagem de diversidade e inclusão, apenas visando o lucro que será obtido dessa classe, mas ficando omissos quando há a necessidade de se posicionar politicamente em favor da causa.

De acordo com o Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, os casais homossexuais possuem mais estudos e mais renda do que os heterossexuais. Já segundo a consultoria de mercado *Cognatis – Geomarketing, Analytics e Big Data*, os casais homoafetivos possuem renda duas vezes maior do que as de casais heterossexuais, triplicando esta renda quando se trata de casais homossexuais do sexo masculino. Somando essas informações com o dado da *Cognatis* de que o público LGBTQ+ gasta em média 30% a mais do que os heterossexuais, consolidou-se o “*pink market*” (mercado LGBTQ+) como um mercado em ascensão, atraindo a atenção das grandes empresas (PACHECO, 2017).

Portanto, partindo de um pressuposto foucaultiano denominado de dispositivo de sexualidade, atrelando a americanização da esquerda de Lindgren Alves (2005), neste capítulo pode-se compreender como um Estado capitalista como os EUA, que até recentemente, em 2003, possuía leis de criminalização da homossexualidade em alguns estados, como no Texas, atualmente é citado como exemplo de inclusão LGBTQ+ e diversidade, internacionalmente.

Segundo Neto (2007), o dispositivo foucaultiano de sexualidades, caracteriza a questão da sexualidade como meio de controle, regulação e repressão da sociedade pelo Estado, estando em estreita relação com o modelo econômico capitalista, uma vez que o sexo livre representaria uma ameaça à ordem burguesa, constituindo uma demonstração de força frente ao poder instituído. Ou seja, o modelo de casal heterossexual monogâmico era necessário para a manutenção da ordem

capitalista burguesa estatal. Como Judith Butler (2003) afirma, instaurava-se uma espécie de “heterossexualidade compulsória”, ou “heteronormatividade”, na sociedade. Essa naturalização e “obrigatoriedade” da heterossexualidade, se dava a partir da contribuição do casal heterossexual com o funcionamento da classe trabalhadora, que tinha como objetivo gerar filhos que dariam sequência a esses atos, dando origem a um ciclo, uma vez que a única função aceita da sexualidade anteriormente, era a de reprodução, assim, limitando as múltiplas possibilidades de manifestação de sexualidades.

Porém, a partir do momento em que a classe LGBTQ+ passou a ter mais espaço na sociedade, como atualmente, conquistando, em 2017, um poder aquisitivo responsável pelo movimento de cerca de três trilhões de dólares no mercado ao redor do mundo (PACHECO, 2017), os Estados liberais, intrinsecamente capitalistas (como os EUA), passaram a adotar e propagar meios de inclusão dessas pessoas na sociedade. Isso ocorreu principalmente porque agora a existência dessa classe não era mais vista como uma ameaça ao sistema econômico capitalista, como alegado por Foucault (1999), mas sim, passou a se enquadrar nos padrões desse sistema, fortalecendo-o.

Lingren Alves (2005) abordou essa problemática na sua obra “Direitos Humanos na pós-modernidade”. O autor explica, como já mencionado no primeiro capítulo, que os movimentos sociais, após sofrerem uma transformação de ideais, de busca por igualdade para direito à diferença, passaram a ficar cada vez mais fragmentados, gerando uma segregação (como percebido no capítulo anterior), fortalecendo cada vez mais a direita no âmbito político. Pode-se perceber a veracidade na fala do diplomata, quando estuda-se a questão do *pink money*, constatando como o movimento LGBTQ+, originário de movimentos de esquerda, acaba por contribuir com o fortalecimento do capitalismo em vez de combatê-lo.

A fim de atrair o consumo do público LGBTQ+, grandes marcas e empresas passaram a aderir campanhas que envolvessem pessoas dessa classe, gírias comuns entre eles, ou qualquer tipo de publicidade voltada para eles. “*RuPaul’s Drag Race*” é um grande exemplo disso. Um *reality show* norte-americano, em que um grupo de *drag queens*¹⁸ compete para saber quem será a próxima “*America’s Next Drag Superstar*”, vem crescendo cada vez mais desde o seu lançamento em 2009, já tendo sido indicado, atualmente, para aproximadamente 60 prêmios de televisão, inclusive para o renomado *Emmy Awards*.

¹⁸Pessoa que se veste com roupas consideradas femininas, usa maquiagem extravagante para fins artísticos

Por mais que para muitas pessoas do movimento LGBTQ+, programas como “*RuPaul’s Drag Race*” sejam vistos como meios de visibilidade e inclusão, relatos de algumas participantes evidenciam que a empresa por trás do programa está interessada apenas na audiência e no poder aquisitivo dessa classe. PhiPhi O’Hara, uma participante da quarta temporada do show principal, e da segunda temporada do show secundário “*RuPaul’s Drag Race All Stars*”, afirmou diversas vezes que as edições manipulavam suas falas para fazer com que ela parecesse uma “vilã”, e atraísse mais audiência, sem pensar nas consequências que essa atitude poderia trazer para a sua imagem individual pós-show enquanto artista¹⁹. A busca das indústrias pelo *pink money*, fica nítida, quando algumas empresas que já existiam, e eram renomadas, passaram a dar visibilidade à causa LGBTQ+ com o intuito de atrair o seu consumo de alguma forma. Com o grande aumento da população feminina e LGBTQ+ no universo dos *games*, empresas como a “*Riot Games*”, passaram a tentar atrair esse público.

Em 2017, a *Riot Games*, que, desde o lançamento em 2009, do jogo mais jogado no mundo atualmente: “*League of Legends*”, nunca havia tido uma representação LGBTQ+ sequer, mudou a história de um dos seus personagens, lançando, além de uma revista online de quadrinhos, um vídeo explicando o surgimento dele, revelando que ele é composto por um casal homossexual. Outras empresas de jogos também fizeram algo parecido, como a “*Blizzard Entertainment*”, que no lançamento do enredo de uma das heroínas do jogo “*Overwatch*”, foi revelado que ela possuía uma origem lésbica. Porém, no caso da *Riot Games*, ficou explícito que seu interesse era apenas o lucro que seria obtido se apropriando da causa LGBTQ+, quando em 2018 ocorreram várias denúncias por parte de funcionárias mulheres da empresa, sobre falas e atitudes contra minorias políticas, dentre elas, uma afirmação de que o jogo era voltado para satisfazer o homem hétero branco²⁰.

Outro caso importante que deve ser mencionado, e talvez o mais comum, é o da indústria musical. Muitos cantores heterossexuais se apropriam do movimento LGBTQ+ para criar conteúdo voltado para eles, visando o *pink money*. A cantora brasileira Jojo Maronttinni, é um grande exemplo disso, as suas duas músicas mais conhecidas: “Arrasou viado” e “Que tiro foi esse?”, são compostas inteiramente por gírias criadas ou adaptadas, e utilizadas dentro do movimento

¹⁹Disponível em: <https://www.out.com/television/2017/3/27/rupaul-dishes-how-he-felt-about-phi-phi-hara-skipping-all-stars-2-reunion>

²⁰Disponível em: https://kotaku.com/inside-the-culture-of-sexism-at-riot-games1828165483?fbclid=IwAR2qGkHiULmPoZL2GMJMC6latOW5CKLo917MPAg6wS-tAOakd_2uK7qOWo8

LGBT+, atraindo majoritariamente esse público, mas ficando isenta quando a causa precisa de apoio político, como foi no caso da eleição presidencial brasileira de 2018.

Portanto, nas sociedades capitalistas, o que era abominado passa a ser aceito, a partir do momento em que começa a contribuir com o fortalecimento do seu sistema econômico. Dessa maneira, pode-se perceber que o Estado passa a buscar artimanhas para atrair o consumo dessas pessoas, por isso que os Estados Unidos da América, um país em que predomina o interesse das grandes empresas (principalmente a partir da prática legal do *lobby*²¹), estão atualmente aceitando e abraçando a causa LGBT+.

O filósofo italiano Giovanni Reale (1999), indaga em sua obra “*Saggeza antica – terapia per i mali dell’uomo d’oggi*” que através da proclamação do bem-estar material, os homens que compõe as sociedades, acabam por esquecer os seus ideais, ocorrendo um lapso do ser, devido ao materialismo. Ou seja, muitas empresas que, de fato, nunca se importaram com as causas e pautas LGBT+, passam a tentar atrair esse público, através de uma imagem de um ideal que não existe, apenas para induzir o seu poder de compra, em nome do capitalismo.

Inclusive, a fragmentação do movimento LGBT+, que contribui para a segregação do mesmo, é interessante para o capitalismo. Não apenas pela ascensão política da direita, enquanto a esquerda se divide cada vez mais, como mencionado anteriormente, mas por conta da ampliação de mercadorias devido a um maior número de público-alvo. Essa fragmentação, advinda da americanização da esquerda de Alves (2005), é, inclusive, impulsionada pelos ideais neoliberais, visando, além de todos os fatores mencionados no primeiro capítulo, novas formas de identificações sexuais e de gênero, pois isso significa uma expansão desse “mercado rosa”.

Portanto, apesar de não se poder negar a necessidade de representatividade dessa classe no âmbito “*mainstream*” da sociedade, advindas das teorias pós-modernas, responsáveis pelas construções de conscientizações populacionais, no que diz respeito a diversidade, como exposto por Alves (2005), ela não deve ser feita apenas superficialmente visando lucros. As grandes empresas e os governos que realmente se importam com as pautas da causa, devem lutar pela garantia dos direitos humanos básicos dessas pessoas, através de trabalhos voluntários em prol do movimento, criações de políticas públicas, auxílio, e contratação dos indivíduos que se inserem

²¹ Atividade em que empresas, pessoas físicas, segmentos da sociedade, se esforçam para viabilizar seus interesses para o governo.

nessa classe. Sem contar da necessidade de se impor politicamente em favor da diversidade. É o mínimo que deve ser feito já que lucram com o dinheiro rosa.

Por fim, fica clara a hegemonia norte-americana no movimento LGBTQ+, quando até alguns termos reproduzidos para designar identidades de gênero e sexuais marginalizadas, não possuem uma tradução específica, e são originários e propagados na língua inglesa, como “*queer*”, “*kink*” e até mesmo “*gay*”. Dessa forma, o artigo visou destacar estes termos em inglês, justamente para ressaltar a predominância norte-americana no movimento LGBTQ+.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo expôs a contínua fragmentação do movimento LGBTQ+ e os efeitos provenientes dela. Descrevendo a complexidade do problema, foi explicitado como o movimento LGBTQ+, surgido de movimentos de esquerda, acabou por contribuir com o fortalecimento do capitalismo, agravando-se com a consolidação da hegemonia norte-americana pós-Guerra Fria.

A pesquisa buscou explicar a problemática supracitada, através da análise da evolução do movimento LGBTQ+. Partindo do seu surgimento lutando contra o sistema heteronormativo, burguês, opressor, até a transformação dos seus ideais, devido as teorias pós-modernas norte-americanas, que contribuíram com o crescimento desse sistema, através da globalização de ideais que surgiram nos EUA. Assim, desvinculando dos elementos referenciais do movimento da esquerda, aumentando a fragmentação e conseqüentemente a sua segregação, se tornando cada vez mais desunido, enquanto a direita ascende no poder por todo o cenário internacional.

Neste intuito, buscou-se elucidar ao longo deste capítulo, os conceitos do movimento LGBTQ+, desde o significado de cada letra do seu acrônimo, assim como de americanização da esquerda, e *pink money*. Desta forma, a pesquisa visa reforçar a urgência da emancipação dos movimentos LGBTQ+ por todo o cenário internacional (especialmente o brasileiro), do norte-americano, contituindo um alerta para uma adesão total aos interesses e identidades ianques globalizados. Ao mesmo tempo, tal alerta visa reforçar a necessidade de atentar para os elementos da luta da esquerda, ligados à busca da justiça social, do bem-estar social e igualdade, para além do caráter fragmentado das particularidades identitárias.

Porém, a análise da pesquisa não tem como finalidade propor conclusões definitivas e imediatas no que diz respeito a problemática, e sim ampliar a consciência coletiva a respeito do que está ocorrendo no movimento, e como isso está contribuindo para o fortalecimento do seu

inimigo primogênito: o sistema burguês opressor. A partir da expansão dessa consciência, que reforça a ideia de que a relação do movimento LGBTQ+ norte-americano com os outros movimentos LGBTQ+ ao redor do globo, constitui-se igualmente em uma relação de poder, em que o hegemom dita as regras para os subordinados em prol de um interesse próprio, acredita-se que surgirão maiores debates, e soluções poderão ser construídas. Conclui-se, portanto, que é necessária a conscientização e emancipação dos movimentos sociais do modelo norte-americano, de forma mais atenta aos princípios que devem nortear as ideias de esquerda e que atendam às necessidades de reconhecimento da diversidade, sem que se deixem levar por interesses que estejam alinhados com interesses neoliberais, de puro consumo, como aparenta ser a fragmentação americanizada.

THE LGBTQ+ MOVEMENT AND THE EFFECTS OF THE FRAGMENTATION

ABSTRACT

The present article's main objective is to analyze the fragmentation of the LGBTQ+ social movement and its effects, provided by the north american hegemony in the international scenario, through an International Relations perspective. Thus, in order to answer the problematic: "How does the LGBTQ+ movement, originated from the left, weakens its ideals, contributing to the strengthening of capitalism?", the article is divided into three parts, aiming to explain the historical context of the gay movement, its origin and recent conquests, seeking to elucidate how the yankee hegemony helped in the fragmentation of this movement, through the propagation of its ideals; to address the main causes of the letters of the acronym LGBTQ+, showing that with this fragmentation, segregation also arises; and explain the concept of pink money, and how big companies profit from this fragmentation. Thus, the central hypothesis of the article is that LGBTQ+ fragmentation is stimulated by the americanization of the left, due to the globalization of the north american models of social movements, transforming their ideals, segregating the left, while the right keeps ascending. The article has a qualitative methodology, using bibliographical theoretical reference, with exploratory research, using in addition to news, researches in the area of International Relations, such as Social and Human Sciences.

Keywords: LGBTQ+ Movement. Fragmentation. Americanization of the left.

REFERÊNCIAS

ABLGBT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Manual de Comunicação LGBTQ+**. Brasília: Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda. 2015. Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

ALEXANDER, Jonathan; YESCAVAGE, Karen. **Bisexuality and Transgenderism: InterSEXion of the others.** Binghamton: Haworth Press, 2003.

ALVES, J. A. Lindgren. **Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade.** São Paulo: Perspectiva S.A, 2005.

ANDRIOTE, John-Manuel. **Victory Deferred: How AIDS changed gay life in America.** Chicago: University Of Chicago Press, 1999.

ANGELIDES, Steven. **A History of Bisexuality.** Chicago: University Of Chicago Press, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política.** 2. ed. São Paulo: Unesp, 1995.

BOMFIM, Silvano. **Homossexualidade, Direito e Religião: Da pena de morte à união estável.** A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC, nº 18, 2011.

BORRILLO, Daniel. **A Homofobia.** In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.) Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letra Livres/ Ed UNB, p. 15-46, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABANELAS, Marcelle. **Pink Money: O potencial do mercado homossexual de Brasília.** 2007. 52 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA, Brasília, 2007.

D'ANASTASIO, Cecilia. **Inside the Culture of Sexism at Riot Games.** Kotaku, 2018. Disponível em: <https://kotaku.com/inside-the-culture-of-sexism-at-riot-games-1828165483?fbclid=IwAR2qGkHiULmPoZL2GMJMC6latOW5CKLo917MPAg6wS-tAOakd_2uK7qOWo8> Acesso em: 08 de novembro de 2018.

DEUTSCHE WELLE. **Alemanha pede perdão por perseguição de homossexuais.** UOL, 2018. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/49503/alemanha-pede-perdao-por-perseguido-de-homossexuais>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

DRESCHER, Elizabeth. **GLBT? LGBT? LGBTQIA+? What's in a Name?: History, resilience & hope for LGBT americans after #Orlando.** Medium, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/the-narthex/glb-t-lgbt-lgbtqia-whats-in-a-name-a5608849c9fa>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

FÁBIO, André. **A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro.** Nexo Jornal, 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>> Acesso em: 24 de setembro de 2018.

FERRAZ, Adriana. **Programa de Haddad inclui ideias aplicadas em São Paulo**. Estadão, 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,programa-de-haddad-inclui-ideias-aplicadas-em-sao-paulo,70002550362>> Acesso em: 24 de outubro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal Ltda., 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 20. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FUHRMANN, Nadia. **Luta por Reconhecimento: Reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais**. Santa Cruz do Sul, Barbarói, nº 38, p. 79-96, 2013.

G1. **Conselho da ONU aprova resolução sobre direitos de homossexuais**. Globo, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/06/conselho-de-dh-da-onu-aprova-resolucao-historica-sobre-homossexuais-1.html>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

G1. **Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país**. Globo, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/suprema-corte-dos-eua-aprova-o-casamento-gay-nacionalmente.html>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

GREEN, James. **A Luta pela Igualdade: desejos, homossexualidades e a esquerda na América Latina**. In: Cadernos AEL. Homossexualidade. Sociedade, Movimento e Lutas. Campinas, Unicamp/IFCH/AEL, vol 10, nº 18-19, 2003.

HINZMANN, Dennis. **RuPaul dishes on how he felt about Phi Phi O'hara skipping the All Stars 2 reunion**. Out Magazine, 2017. Disponível em: <<https://www.out.com/television/2017/3/27/rupaul-dishes-how-he-felt-about-phi-phi-ohara-skipping-all-stars-2-reunion>> Acesso em: 08 de novembro de 2018.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: 34 Ltda., 2003.

IG SÃO PAULO. **LGBTQQICAPF2K+**: Sigla assim é necessariamente para representar o movimento LGBT? IG, 2018. Disponível em: <<https://igay.ig.com.br/2018-02-23/movimento-lgbt-sigla.html>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

IRONS, Cooper. **The dirty, complex, and empowering history of the word 'queer'**. The Daily Dot, 2017. Disponível em: <<https://www.dailydot.com/irl/what-does-lgtbq-stand-for/>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde. **Sexual Behavior in the Human Male**. Philadelphia: W.B Saunders Company, 1948.

LELI, Ubaldo; DRESCHER, Jack. **Transgender Subjectivities: A clinician's guide**. Binghamton: Haworth Press, 2004.

LOUREIRO, Cláudia. **Mudança de sigla de GLBT para LGBT divide comunidade gay**. Globo, 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL597188-5606,00-MUDANCA+DE+SIGLA+DE+GLBT+PARA+LGBT+DIVIDE+COMUNIDADE+GAY.html>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

MARTINS, Andréia. **O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador?** UOL, 2015. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/politica-o-que-e-ser-esquerda-direita-liberal-e-conservador.htm>> Acesso em: 25 de setembro de 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2015.

MOIRA, Amara. **Orgulho de quê, LBGBTS?** Mídia Ninja, 2017. Disponível em: <<http://midianinja.org/amaramoira/orgulho-de-que-lgbts/>> Acesso em: 18 de setembro de 2018.

NETO, Leon. **Biopolítica em Foucault**. 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Cap. 3.

O ESTADO DE S. PAULO. **Após apoio nas eleições, Caitlyn Jenner critica Trump por direitos transgêneros**. Estadão, 2018. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,apos-apoio-nas-eleicoes-caitlyn-jenner-critica-trump-por-direitos-transgeneros,70002560282>> Acesso em: 24 de outubro de 2018.

O GLOBO. **Ser homossexual deixa de ser crime na Índia, mas ainda é em 71 países**. Globo, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ser-homossexual-deixa-de-ser-crime-na-india-mas-ainda-em-71-paises-23045798>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, Tory. **A vida (e a morte) de Marsha P. Johnson e a invisibilidade trans**. Carta Capital, 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/a-vida-e-a-morte-de-marsha-p-johnson-e-a-invisibilidade-trans>> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

ONU. **ONU pede mais visibilidade para lésbicas e bissexuais e reconhecimento de famílias de todos os tipos**. ONU BR, 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-pede-mais-visibilidade-para-lesbicas-e-bissexuais-e-reconhecimento-de-familias-de-todos-os-tipos/>> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

PACHECO, T. H. **Como o Dinheiro Rosa ou “Pink Money” está agitando o mercado mundial**. Cognatis, 2017. Disponível em: <<https://www.cognatis.com.br/qds2/wp-content/uploads/2017/08/Dinheiro-Rosa-Blasting-News.pdf>> Acesso em: 08 de novembro de 2018.

RAYMOND, Janice G. **The Transexual Empire: The making of the she-male**. New York: Beacon Press, 1979.

REALE, Giovanni. **O Saber dos Antigos: Terapia para os tempos atuais**. São Paulo, Loyola, 1999.

REIS, Toni. **O Movimento Homossexual**. In: FIGUEIRO, Mary Neide Damico (Org.). *Homossexualidade e Educação Sexual: Construindo o respeito à diversidade*. Londrina: EdUEL, p. 101-102, 2007.

SANTOS, Fábio. **Homossexualidade não é doença segundo a OMS; entenda**. Terra, 2016. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/ha-21-anos-homossexualismo-deixou-de-ser-considerado-doenca-pela-oms,0bb88c3d10f27310VgnCLD100000bbceeb0aRCRD.html>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

SILVA, Leilane; SOUZA, Emily. **A Epistemologia do Barraco: Uma breve história do movimento LGBTI em geral**. *Inter-Legere – Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN*. Natal, nº 21, 2007.

SILVA, Rodrigo; BEZERRA, Waldez; QUEIROZ, Sandra. **Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais**. São Paulo: *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, vol 26, nº 3, p. 364-375, 2015.

STRYKER, Susan. **Transgender Activism**. GLBTQ, 2004. Disponível em: <http://www.glbqtarchive.com/ssh/transgender_activism_S.pdf> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

TERTO, Angela; SOUZA, Pedro. **De Stonewall à Assembleia Geral da ONU: Reconhecendo os direitos LGBT**. *MONÇÕES - Revista de Relações Internacionais da UFGD*. Dourados, vol 5, nº 7, 2015.

THE GAY UK. **There is now a K in LGBTQICAPF2K+**. The Gay UK, 2018. Disponível em: <<https://www.thegayuk.com/there-is-now-a-k-in-lgbtqqicapf2k/>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

ULRICH, Samantha. **The Invisibility of Bisexuality**. Sarah Lawrence College. New York, 2016.

VEJA. **Alemanha pede perdão aos homossexuais pelos crimes nazistas**. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/alemanha-pede-perdao-aos-homossexuais-pelos-crimes-nazistas/>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.

VENCESLAU, Pedro. **André Fischer dispara: “Antigamente os personagens gays das novelas morriam em explosão de shopping”**. *Revista Imprensa*, 2007. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/revista/edicao_mes.asp?idEdicao=6&idMateriaRevista=71> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

ZANE, Zachary. **Veja uma linha cronológica criminalização LGBT nos EUA**. *Hornet*, 2018. Disponível em: <<https://hornet.com/stories/pt-pt/gay-criminalizacao/>> Acesso em: 01 de outubro de 2018.